

CAPAGIIC-Saúde:

Gestão, Informação, Inovação e Conhecimento

ORGANIZADORES

ELIANE LOURDES DA SILVA MORO

LIZANDRA BRASIL ESTABEL

ARIEL BEHR

FILIFE XERXENESKI DA SILVEIRA

GABRIELA FERNANDA CÉ LUFT

SÉRGIO WESNER VIANA



Porto Alegre

2022

Copyright © 2022

Permitida a reprodução sem fins lucrativos, parcial ou total,
por qualquer meio, desde que citada a fonte.

Tiragem:

2.000 exemplares

Revisão:

Gabriela Fernanda Cé Luft e
Vanessa Cristiane Vanzan de Oliveira

Produção Gráfica e Impressão:

Evangraf

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

C236

Capagiic-Saúde: gestão, informação, inovação e conhecimento /
Eliane Lourdes da Silva Moro ... [et al.], organizadores. -
Porto Alegre : Evangraf, 2022.

344 p. : il. color. ; 16x23 cm.

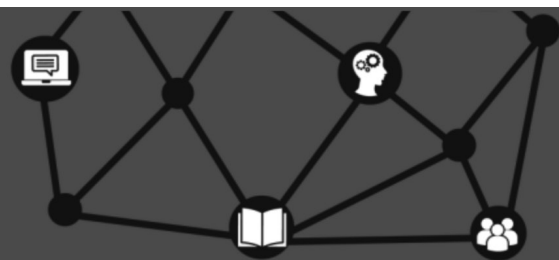
ISBN 978-65-5699-182-5

1. Educação a distância. 2. Informação em saúde. 3. Gestão.
4. Inovação. 5. Conhecimento. 6. Universidade Federal do Rio
Grande do Sul, Grupo de Pesquisa Leia.

CDU 37.018.43

Catalogação: Bibliotecário Filipe Xerxeneski da Silveira – CRB-10/1497

Impresso no Brasil



EXPOGRAFIA EM AMBIENTES DE SAÚDE

VANESSA BARROZO TEIXEIRA AQUINO

1 INTRODUÇÃO

Pensar as exposições significa compreender essa ação cultural e educativa como uma importante ferramenta de comunicação. No campo dos museus, a exposição integra as ações vinculadas à comunicação museológica, sendo considerada a principal e mais específica forma de comunicação desses espaços. (CURY, 2005). Cabe ressaltar que, para a maior parte dos visitantes, a exposição é o próprio museu, ou seja, é como ele se apresenta para a sociedade e sob certos aspectos, reafirma sua missão³⁴.

Seguindo essa mesma lógica, é possível pensar as exposições acontecendo em outros espaços, como bibliotecas e centros culturais, refletindo suas respectivas missões institucionais. A exposição, como espaço de troca e aprendizado, tem a intenção de propor leituras, provocar reflexões e, acima de tudo, ser um ambiente que problematiza diversos pontos de vista sobre determinado tema, que deve ser relevante para a sociedade, especialmente para a comunidade onde ela está inserida. Como disse a museóloga Waldisa Guarnieri (1986), a exposição “diz, afirma, informa, comunica, registra, questiona. Uma exposição estabelece e subverte”. (GUARNIERI, 1986 *apud* BRUNO, 2010, p. 139).

34 Segundo Manuelina Cândido (2014), a missão do museu está diretamente vinculada ao compromisso social e à credibilidade da instituição para com o seu público. Para a autora, a definição de missão deve reunir “[...] um conjunto de palavras que contém de forma resumida as finalidades, os valores, as metas, a estratégia e o público-alvo da instituição, de maneira informativa e inspiradora”. (CÂNDIDO, 2014, p. 56).

Nesse sentido, este texto está organizado da seguinte forma: em um primeiro momento, aborda o papel das exposições como um importante dispositivo comunicacional, considerando os profissionais envolvidos e os recursos expográficos essenciais para a construção de uma narrativa relevante para o público; em um segundo momento, salienta os tipos de exposição, conforme suas estratégias de comunicação e critérios espaço-temporais; e, por fim, apresenta diferentes abordagens expográficas, a partir de duas instituições que desenvolvem suas exposições voltadas ao patrimônio cultural da saúde.

2 AS EXPOSIÇÕES E SEUS PROCESSOS: construindo expografias multissensoriais

É significativo pontuar que o papel das exposições é possibilitar leituras de certos acontecimentos juntamente com elementos que reúnam condições para o visitante avaliar criticamente as informações apresentadas em um determinado espaço, que pode ser físico ou virtual. Como dispositivos de comunicação social, as exposições são formas de mediação construídas a partir de diferentes olhares, com a intenção de tecer um diálogo com um determinado público. (DAVALLON, 2010).

Na exposição, o visitante é a relação com o mundo do qual ela trata, não pela mediação abstrata da linguagem, mas pela mediação perceptiva e corporal dos objetos e do espaço. Os objetos são elementos que pertencem ao mundo da exposição e que vieram de alguma maneira até o visitante, enquanto a organização da exposição, sua concepção faz com que esses mesmos objetos sejam para o visitante o meio de ser, de alguma maneira, “transportado”, “imerso” durante o tempo da visita a este mundo. (DAVALLON, 2010, p. 25).

Conforme o autor, o uso da linguagem visual e espacial é uma das particularidades da exposição; logo, o espaço expositivo, ou seja, o ambiente onde acontecerá a exposição é um importante elemento a ser determinado justamente porque ele define a reali-

dade da exposição e pensa a experiência do público. (FERNÁNDEZ; FERNÁNDEZ, 2012). O espaço pode influenciar diretamente na percepção dos artefatos, sua disposição e na circulação dos visitantes, criando barreiras, permitindo um maior fluxo e demarcando o ritmo/tempo da visita.

A equipe de profissionais envolvidos para conceber, planejar e executar uma exposição é muito diversa e precisa ser multidisciplinar, a fim de garantir múltiplos olhares e múltiplos saberes em conexão. As especificidades do acervo impõem os profissionais especializados em determinada área do conhecimento, o que garante a correta abordagem e a preservação desse material. Cabe frisar que o museólogo é um profissional cuja formação lhe permite gerir todo o processo de concepção e de execução expográfica, sendo um grande mediador quando se trata de exposições museológicas.

Todo projeto de exposição poderá ter arquiteto, designer, iluminador, educador, cientista, mas o museólogo é que vai fazer esse alinhamento a que denominamos Museologia. É o museólogo que irá definir a exposição como um objeto simbólico de caráter museológico. (SCHEINER, 2006, p. 23).

É significativo destacar a presença de outros profissionais que podem contribuir para um bom resultado da exposição: *designer*, para auxiliar na produção das peças gráficas e do leiaute da exposição; pedagogo, para auxiliar na elaboração das ações educativo-culturais; conservador/restaurador, para garantir a correta manipulação e exposição dos artefatos, de acordo com sua materialidade; arquiteto, para auxiliar nas questões que envolvem a concepção espacial, o leiaute e a iluminação, além dos *displays*; cenógrafo, para pensar ambientações e outros elementos cenográficos; historiador, para auxiliar na pesquisa histórica e contextual da exposição, entre outros, sempre lembrando que “[...] cada profissional é responsável por um aspecto do êxito de uma exposição”. (CURY, 2005, p. 114).

Segundo Blanco (2009), é fundamental que a equipe de profissionais envolvidos na elaboração de uma exposição consiga responder

às seguintes perguntas de forma clara e objetiva: o que se quer contar? Para quem contar? Como se conta?

“O que se quer contar” diz respeito à definição do tema e subtemas, juntamente com o conteúdo informacional da exposição, os rumos da pesquisa, os recortes e seleções, bem como o conceito ou conceitos-chave, funcionando como fio condutor na narrativa. Nesse caso, compreende-se a narrativa como sendo a “mensagem expositiva, a linguagem da exposição e o contexto expositivo.” (BLANCO, 2009, p. 46, tradução livre), fazendo com que a exposição seja acessível e inteligível visualmente e intelectualmente. Sua organização em núcleos expositivos possibilita a construção lógica da narrativa, hierarquizando conceitos, informações e objetos, os quais fazem parte de uma trama, de uma história que se conta. (FERNÁNDEZ; FERNÁNDEZ, 2012).

“Para quem se conta” envolve conhecer o público-alvo da exposição, ou seja, identificar e definir com quem se dará o diálogo propriamente dito, a fim de oferecer uma experiência de qualidade ao visitante sobre a temática em questão. Cabe salientar que:

Conceber e montar uma exposição sob o viés da experiência do público significa escolher um tema de relevância científica e social e organizá-lo material e visualmente no espaço físico com o objetivo de estabelecer uma relação dialética entre o conhecimento que o público já tem sobre o tema em pauta e o novo conhecimento que a exposição está propondo. (CURY, 2005, p. 43).

Nesse sentido, pensar uma exposição é pensar uma mensagem, um discurso e uma linguagem que reunirá conteúdo científico e diversos elementos capazes de traduzir/decodificar essas informações, dando uma forma à ideia que se quer transmitir a um determinado público. A questão “Como se conta?” envolve pensar a forma da exposição, ou seja, pensar a expografia, conceito que abrange os aspectos de planejamento, metodologia e técnicas para o desenvolvimento da concepção e materialização da ideia da exposição. (CURY, 2005). É necessário salientar que, para se pensar a expografia, é imprescindível

pensar no conteúdo da exposição, já que ambos devem estar sempre articulados. Cury define a construção expográfica da seguinte maneira:

Exposição é, didaticamente falando, conteúdo e forma, sendo que o conteúdo é dado pela informação científica e pela concepção de comunicação como interação. A forma da exposição diz respeito à maneira como vamos organizá-la, considerando a organização do tema (enfoque temático e seu desenvolvimento), a seleção e articulação dos objetos, a elaboração de seu desenho (a elaboração espacial e visual) associados a outras estratégias que juntas revestem a exposição de qualidades sensoriais. (CURY, 2005, p. 42).

Esses diversos elementos que devem fazer parte da expografia, a seleção dos objetos (autênticos e/ou cenográficos), cores, textos, linguagem de apoio, iluminação, suportes (mobiliário específico para cada tipo de objeto/material), audiovisual, réplicas e reproduções, podem ser denominados de recursos expográficos, ou seja, são as ferramentas utilizadas para a composição multissensorial da exposição.

Os textos presentes na exposição devem ser claros e objetivos, visando a acessibilidade intelectual para diferentes tipos de público. É importante cuidar o comprimento de linha das frases (manter entre 10 a 12 palavras), o espaço entre as linhas e a altura dos textos, proporcionando uma apresentação harmoniosa dos painéis, bem como visando a acessibilidade física do visitante.

Tornar acessível a exposição é adaptar o espaço tanto do ponto de vista físico quanto intelectual, possibilitando que o visitante possa acessar todos os objetos da exposição e os materiais informativos e de entretenimento. (FERNÁNDEZ, FERNÁNDEZ, 2012, p. 99-100).

A presença de diferentes objetos testemunho/autênticos qualificam o discurso da exposição, afinal, esses artefatos simbolizam as diferentes relações e leituras que o público possui com a cultura material e imaterial, de acordo com a sua realidade. Esses objetos podem pertencer ao acervo da instituição e/ou pertencerem a outros

acervos, estando emprestados temporariamente para a exposição³⁵. A seleção desses objetos precisa ser criteriosa e, sobretudo, embasada cientificamente a partir das pesquisas realizadas sobre a temática da exposição, a fim de garantir que diferentes objetos dialoguem entre si dentro de um mesmo contexto. Vale ressaltar que os objetos não falam por si, por isso, a necessidade de contextualização com o uso de diferentes recursos expográficos, que auxiliarão o público na absorção das informações que a exposição traz.

Objetos e/ou elementos cenográficos podem vir a compor a expografia. Nesse caso, é importante compreender o conceito de cenografia como uma área técnica e artística que possibilita aprimorar a ambientação da exposição, “[...] propondo ritmos e atmosferas geradas pela organização do espaço, da iluminação e do som”. (ROSSINI, 2012, p. 162). Todavia, é fundamental perceber que existem limites da cenografia na expografia, cuidados necessários para manter clara a mensagem e as informações que se quer passar ao público, evidenciando o que é autêntico do que é cenográfico, seja em forma de texto e/ou linguagem de apoio ou na própria organização espacial.

Os suportes contemplam “[...] tudo aquilo que serve de amparo, proteção, estrutura para o que será exposto”. (BORDINHÃO, VALENTE, SIMÃO, 2017, p. 67). Existe uma diversidade de itens que compõem o mobiliário expositivo. Podemos citar como os mais recorrentes: painéis, vitrines, molduras, plataformas, divisórias e caixas de apoio. No momento de definir o mobiliário da exposição, é fundamental levar em consideração os aspectos de acessibilidade, segurança e conservação de acervos³⁶, afinal cada materialidade requer um cuidado especial para o tempo que ela estará em exposição (papel, têxtil, madeira, entre outros).

Vale salientar que toda exposição deve possuir um discurso, uma intencionalidade e, através dos recursos expográficos, é possível

35 Para mais informações sobre empréstimo de acervos museológicos, ver: PADILHA, Renata Cardozo. **Documentação Museológica e Gestão de Acervo**. Coleção Estudos Museológicos, v.2. Florianópolis, SC: FCC, 2014.

36 Sugestão de leitura: TEIXEIRA, Lia Canola; GHIZONI, Vanilde Rohling. **Conservação Preventiva de Acervos**. Florianópolis, SC: FCC, 2012.

construir uma exposição que traduza esse discurso de forma dinâmica, ativa e informativa.

O desenvolvimento de uma exposição representa a tradução de considerações de um nível conceitual para a prática, com a utilização de um substrato físico. Deve considerar as relações entre os objetos expostos, seus suportes e o ambiente, a partir das interações de luz, sons, cores, sensações, linguagens e os variados públicos. (BORDINHÃO; VALENTE; SIMÃO, 2017, p. 43).

Aliadas aos recursos expográficos estão as estratégias expositivas, que devem estar direcionadas às abordagens comunicacionais que serão utilizadas na exposição. Essas estratégias reiteram a importância de compreender a exposição como um sistema textual ou uma unidade total de comunicação. (BLANCO, 2009). Em outras palavras, as estratégias expositivas, juntamente com os recursos expográficos, organizam a narrativa e constroem uma exposição que possui início, meio e fim, seguindo uma lógica discursiva.

3 PENSANDO ESTRATÉGIAS DE COMUNICAÇÃO PARA EXPOSIÇÕES

Existem diversos tipos de classificação para as exposições. Cada critério dependerá da sua intencionalidade comunicativa. Cada tipo de exposição terá suas próprias estratégias de comunicação, quando existe intenção de comunicar para um determinado público especializado, ou não, a temática presente na narrativa. (BLANCO, 2009). Cabe mencionar que as formas de classificação das exposições não são excludentes, sendo possível encontrar, na mesma mostra, dois ou três tipos de estratégias comunicacionais compondo sua expografia.

Michael Belcher (1997) classifica as exposições em três tipos (Quadro 1):

Quadro 1 – Formas de classificação de exposições, segundo suas estratégias de comunicação

TIPOS DE EXPOSIÇÃO	O QUE CONTEMPLA
Emotiva – Estética	Objetos expostos com uma modesta etiqueta com poucas informações; têm por objetivo a apreciação da beleza dos objetos, possuindo o mínimo de interferência visual; busca criar um ambiente estético;
Emotiva – Evocativa	Criação de um ambiente teatral que conduz o visitante a se identificar ou a participar com aquilo que está sendo representado.
Didáticas	Planejadas para informar, tendo como objetivo instruir e educar por meio dos textos interpretativos; esse tipo de exposição compreende que os objetos não falam por si aos visitantes não especializados e, por isso, além dos objetos, recorrem a diferentes recursos expográficos que auxiliam na contextualização e interpretação do visitante.
Entretenimento	Esse tipo de exposição pretende entreter e divertir, por meio do uso das novas tecnologias de interatividade, baseados em princípios científicos. Mesmo que o foco seja a diversão, acabam suscitando algum aprendizado científico. Também denominadas de interativas , podendo ser subdivididas em dinâmicas (manuseio de diversos aparelhos, enriquecendo a visita com novas informações a partir do seu uso) e participativas (<i>hands on</i> – onde só é possível compreender a narrativa interagindo com os elementos da exposição).

Fonte: Aquino, 2020, adaptado de Belcher (1997) e Blanco (2009).

Nessa perspectiva, é interessante pensar que existem diferentes tipologias de exposição, que podem ser realizadas por diversas instituições e espaços, como, por exemplo, museus, bibliotecas e centros culturais, capazes de abordar de múltiplas maneiras temas e assuntos relevantes para seus visitantes. Outro critério importante de organização das exposições é o espaço-temporal, ou seja, trata-se da definição do local e do tempo de duração da mostra. Nesse caso, podemos classificar as exposições como de longa, média e curta du-

ração, que podem ser fixas e/ou itinerantes. (FERNÁNDEZ; FERNÁNDEZ, 2012). As exposições de longa e média duração são concebidas e montadas em espaços físicos que garantam acesso e segurança tanto ao acervo exposto quanto ao visitante a longo prazo. São exposições maiores, com grande quantidade de recursos expográficos, permitindo abordagens mais pormenorizadas sobre determinado recorte temático, sempre vinculadas à missão da instituição. Já as exposições de curta duração possuem um tempo determinado e podem acontecer tanto em um espaço fixo como serem pensadas para transitarem por outros espaços culturais ou não – tudo dependerá da sua concepção, formato e elementos expográficos adaptáveis ou já pensados para esse tipo de exposição. Um dos pontos positivos das exposições itinerantes é a possibilidade de dialogar com diferentes tipos de públicos em distintos locais.

É válido ressaltar que as exposições podem adquirir diversos formatos, o que permite que elas sejam pensadas para diferentes espaços, não ficando restritas apenas aos espaços edificadas, podendo acontecer ao ar livre e também no mundo virtual, denominadas de ciberexposição ou exposição digital. Um dos pontos positivos deste tipo de exposição é a ampliação do alcance de um maior número de pessoas por meio dos suportes digitais. Elas oferecem novas possibilidades de interação com o público e novos métodos de apresentação dos recursos expográficos, proporcionando novas experiências na forma de visitar uma exposição. (DESVALLÉS; MAIRESSE, 2013). (Grifos meus).

4 EXPOGRAFIA EM AMBIENTES DE SAÚDE: abordagens possíveis

A expografia pensada para ambientes de saúde e/ou que trabalham com a salvaguarda do patrimônio cultural da saúde segue todas as premissas já abordadas neste texto, visando a preservação desses bens culturais que se encontram em diferentes instituições. Como afirma Cury (2005), comunicar é preservar e, nesse sentido, as exposições que abordam temáticas vinculadas à saúde possuem um

grande potencial, justamente por tratarem de um tema tão caro para toda a sociedade.

Por conseguinte, seguem alguns exemplos de instituições culturais que pensam nas exposições como significativos meios de comunicação e diálogo com seus públicos. É o caso do Museu de História da Medicina do Rio Grande do Sul (MUHM), localizado na cidade de Porto Alegre (RS), que tem como missão promover:

[...] o interesse pela história da medicina e da saúde, como uma ferramenta de compreensão e ação sobre a realidade, por meio da preservação, investigação e divulgação do patrimônio cultural médico através de exposições, ações educativas e publicações que contribuam para o desenvolvimento da sociedade. (SERRES et al., 2016, p. 199).

O MUHM é uma instituição privada mantida pelo Sindicato Médico do Rio Grande do Sul (SIMERS) e, desde 2007, está sediado no prédio histórico do Hospital Beneficência Portuguesa.

O Setor de Acervo e Pesquisa está subdividido em Seção de Acervo Tridimensional, Seção de Acervo Arquivístico e Seção de Acervo Bibliográfico, divisão necessária devido às características de cada tipologia, as quais carecem de um tratamento técnico específico.

As atividades desenvolvidas pelo Setor incluem busca de doações, higienização, catalogação, armazenamento, organização do acervo por especialidades, monitoramento do ambiente, controle biológico, limpeza e organização do espaço físico, seleção de acervo para exposições e pesquisa, projetos de higienização, ações emergenciais e intervenções. (SERRES *et al.*, 2016, p. 200).

O Setor de Acervo e Pesquisa, juntamente com o Setor Educativo, são os responsáveis por desenvolver as ações de comunicação museológica da instituição, que envolvem pensar tanto as exposições como as ações educativas vinculadas a elas. O MUHM possui dois espaços expositivos, um para exposições de longa duração e outro para exposições de média e curta duração. No espaço voltado para as exposições de média e curta duração (Sala Rita Lobato), a instituição consegue realizar mostras com temáticas no âmbito da saúde

relevantes para a sociedade, como é o caso da exposição intitulada “Gripe Espanhola: a marcha da epidemia”.

Outra instituição que trabalha com a preservação do patrimônio cultural da saúde é o Centro Histórico Cultural da Santa Casa (CHC Santa Casa), também localizado em Porto Alegre (RS). O CHC Santa Casa, criado em 2014, tem como missão:

Preservar o patrimônio arquivístico e museológico da Instituição, implementando ações de produção e difusão do conhecimento, bem como de diferentes manifestações culturais, dirigidas à comunidade para exercer seu direito à memória e à cultura. (site CHC SANTA CASA, 2020).

Semelhante ao MUHM, trata-se de uma instituição cultural criada dentro de um espaço hospitalar, a Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre, mais antigo hospital da cidade e do Rio Grande do Sul (BARROSO, 2015). Nesse sentido, é significativo ressaltar que:

O patrimônio da saúde, mais especificamente o hospitalar, é formado por uma diversidade de elementos, desde concepções médico-sanitárias plasmadas na arquitetura até documentos textuais e iconográficos que permitam preservar a memória dessas instituições e de seus usuários. Preservar os antigos hospitais, documentá-los, coloca em evidência essa importante instituição da sociedade. Patrimonializar, em muitos casos, pode servir para salvar o que existe desses locais, pode ser uma estratégia para preservar as memórias dessas instituições, das pessoas envolvidas, da própria saúde e permitir constantes leituras e releituras com base nesses indícios, além de ampliar, efetivamente, o campo patrimonial. (SERRES, 2015, p. 1424).

O CHC abriga teatro, biblioteca, arquivo histórico e o Museu Joaquim Francisco do Livramento, criado em 1994, que reúne um acervo de cinco mil objetos de diferentes materialidades, oriundos dos séculos XIX e XX, destacando-se os instrumentos médicos, imagens sacras, móveis, utensílios farmacêuticos, uniformes, entre outros.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As exposições constituem uma forma de comunicação e de diálogo muito específica dos museus e instituições de caráter museológico, mas não estão restritas apenas a esses espaços culturais. Elas são locais de construção de valores, de disputas e de múltiplas interpretações, cujo objetivo maior é oferecer ao público um momento de reflexão, fruição, aprendizado e questionamentos sobre determinado assunto. Cabe destacar o valor simbólico que a exposição carrega, afinal ela possui um papel crucial no contato direto entre a instituição e seu público, uma linguagem própria, carregada de intencionalidades e de um discurso específico.

Para que a exposição cumpra com seu papel social, a temática, os recursos expográficos e as estratégias expositivas devem estar em consonância com as demandas da comunidade onde a instituição está inserida, evidenciando, assim, a relevância das suas escolhas e a realidade que ela integra. Uma questão a ser observada são os estudos de públicos, tanto externos (visitantes) quanto internos (profissionais da instituição). Obter o *feedback* do público é fundamental para a revisão das práticas, correção de ideias e aprimoramento das ações comunicacionais. Refletir sobre a relação do público com as exposições pressupõe uma série de questionamentos quanto aos elementos que fazem parte delas. Cada elemento é responsável por auxiliar o visitante na compreensão da mensagem e da narrativa proposta pela equipe curatorial.

Outra consideração que merece destaque no campo das exposições são as propostas de ações educativo-culturais que, ao serem elaboradas desde o momento da concepção da exposição, garantem novas possibilidades de diálogo com o público-alvo e com públicos em potencial. As ações educativo-culturais devem estar alinhadas com o conteúdo da exposição e não precisam estar restritas ao espaço expositivo. Nesse sentido, surgem parcerias interinstitucionais e com a comunidade local, que podem acontecer em forma de palestras, aulas abertas, oficinas, rodas de conversa, entre outras propostas, as quais podem contar com a presença de convidados externos, especialistas na temática.

É importante salientar que a exposição, quando compreendida como meio de comunicação, deve falar por si, ou seja, o indivíduo deve ter acesso a todos os elementos e compreender sua linguagem e discurso. Por isso, é essencial pensar a acessibilidade intelectual nas exposições, ou seja, traduzir o discurso científico de forma clara e objetiva, garantindo assim o efetivo acesso à informação.

REFERÊNCIAS

- BARROSO, Véra Lucia Maciel. A Santa Casa de Porto Alegre como Patrimônio: ações educativas para sua revitalização e reconhecimento (1986-2014). In: **Experimentações em Lugares de Memória: ações educativas e patrimônios**. Porto Alegre: Selbach & Autores Associados, 2015. P. 50-82.
- BELCHER, Michael. **Organización y Diseño de Exposiciones: su relación con el museo**. Gijón (Asturias): Ediciones TREA, S.L., 1997.
- BLANCO, Angela Garcia. **La Exposición, um Medio de Comunicación**. Madrid: Ediciones Akal, 2009.
- BORDINHÃO, Katia; VALENTE, Lúcia; SIMÃO, Maristela. **Caminhos da Memória: para fazer uma exposição**. Brasília, DF: IBRAM, 2017. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/ibram-publicacao/caminhos-da-memoria-para-fazer-uma-exposicao-2/>. Acesso em: 22 abr. 2021.
- BRENNER, Hannelore. **Meninas do Quarto 28: amizade, esperança e sobrevivência em Theresienstadt**. São Paulo: LeYa, 2014.
- CURY, Marília Xavier. **Exposição: concepção, montagem e avaliação**. São Paulo: Annablume, 2005.
- CÂNDIDO, Manuelina Duarte. **Orientações para Gestão e Planejamento de Museus**. Florianópolis: FCC, 2014.
- D'ALAMBERT, Clara Correia; MONTEIRO, Marina Garrido. **Exposição: materiais e técnicas de montagem**. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 1990.
- DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François. **Conceitos-chave de Museologia**. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus: Pinacoteca do Estado de São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 2013.
- DAVALLON, Jean. Comunicação e Sociedade: pensar a concepção da exposição. In: **Museus e Comunicação: exposição como objeto de estudo**. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2010. P. 17-34.
- FERNÁNDEZ, Luiz Alonso; FERNÁNDEZ, Isabel García. **Diseño de**

Exposiciones: concepto, instalación y montaje. Madrid: Alianza Editorial, 2012.

GUARNIERI, Waldisa. Exposição: texto museológico e o contexto cultural (1986). In: **Waldisa Rússio Camargo Guarnieri:** textos e contextos de uma trajetória profissional. São Paulo: Pinacoteca do Estado, 2010. P. 137-143.

HELLER, Eva. **A Psicologia das Cores:** como as emoções afetam a emoção e a razão. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.

LOCKER, Pam. **Diseño de Exposiciones.** Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2011.

LUZ, Gabriela Carvalho da. **Imagens em Procissão:** um estudo das imagens de vestir nos acervos da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Artes, Curso de História da Arte, Porto Alegre, RS, 2017, 193f.

PADILHA, Renata Cardozo. **Documentação Museológica e Gestão de Acervo.** Coleção Estudos Museológicos, v.2. Florianópolis, SC: FCC, 2014.

ROSSINI, Elcio. Cenografia no Teatro e nos Espaços Expositivos: uma abordagem além da representação. In: **Revista TransInformação,** Campinas, 24(3):157-164, set./dez., 2012.

SCHEINER, Tereza. Criando Realidades através de Exposições. In: **Discutindo Exposições:** conceito, construção e avaliação /Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST). Rio de Janeiro: MAST, 2006. P. 7-37.

SERRES, Juliane; QUEVEDO, Éverton; POMATTI, Angela; KÜLZER, Gláucia. A Preservação da Memória Médica: o lugar do Museu da História da Medicina do Rio Grande do Sul. In: **Museu de História da Medicina – MUHM:** um acervo vivo que se faz ponte entre o ontem e o hoje. Porto Alegre: Evangraf, 2016. P. 185-218.

SERRES, Juliane. Preservação do Patrimônio Cultural da Saúde no Brasil: uma questão emergente. In: **História, Ciências, Saúde – Manguinhos,** Rio de Janeiro, v. 22, n. 4, out.-dez. 2015, p.1411-1426.

TEIXEIRA, Lia Canola; GHIZONI, Vanilde Rohling. **Conservação Preventiva de Acervos.** Florianópolis, SC: FCC, 2012.